

# BOLETIM DE TRABALHOS HISTÓRICOS

PUBLICAÇÃO DO

Arquivo Municipal de Guimarães

VOL. XIII

1951

N.ºs 1-2

## UMA HOMENAGEM

O *BOLETIM DE TRABALHOS HISTÓRICOS* PRESTA, NESTE FASCÍCULO, UMA HOMENAGEM AO SEU FUNDADOR, O SEMPRE CHORADO DR. ALFREDO PIMENTA, REGISTRANDO AS APRECIÇÕES, AO HOMEM E À SUA OBRA, FEITAS POR ALGUNS DOS NOMES MAIS ILUSTRES DO NOSSO PAÍS E DO ESTRANGEIRO.

JULGAMOS HONRAR NOBREMENTE A MEMÓRIA DO PRIMEIRO DIRECTOR DO *ARQUIVO MUNICIPAL DE GUIMARÃES* APRESENTANDO, REUNIDAS EM FEIXE DE COMOVIDA SAUDADE, AS PALAVRAS QUE, A CONVITE NOSSO, SE DIGNARAM TRAÇAR OS ALTOS ESPÍRITOS QUE AS SUBSCREVEM. E ESTAMOS CONVENCIDOS, TAMBÉM, DE QUE, CONTINUANDO A PUBLICAÇÃO DO *BOLETIM* SEGUINDO OS MESMOS MÉTODOS DO SEU ILUSTRE FUNDADOR, ISTO É, TRANSCREVENDO NAS SUAS PÁGINAS OS DOCUMENTOS INÉDITOS QUE O *ARQUIVO MUNICIPAL DE GUIMARÃES* PRECIOSAMENTE GUARDA, TORNANDO-OS CONHECIDOS DOS ESTUDIOSOS, PRESTAREMOS, ASSIM, O MAIS ELEVADO CULTO À MEMÓRIA DO EMINENTE HISTORIADOR QUE DEUS CHAMOU À SUA DIVINA PRESENÇA EM QUINZE DE OUTUBRO DE MIL NOVECENTOS E CINQUENTA.

R. P.

## COLABORAÇÃO DOS EX.<sup>mos</sup> SENHORES:

DR. A. DA ROCHA MADAHIL, Conservador do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra.

ALVARO BALTHASAR ALVES, funcionário aposentado do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

† DR. ANTERO DE FIGUEIREDO, Escritor. †

DR. ARTUR DE MAGALHÃES BASTO, Escritor.

DR. CAETANO BEIRÃO, Escritor.

PADRE DR. DOMINGOS MAURÍCIO GOMES DOS SANTOS, S. J. — Escritor.

DR. EDUARDO D'ALMEIDA, Escritor.

DR. FERMIN BOUZA-BREY, Magistrado, e Conselheiro do Seminário de Estudos Gallegos. Santiago de Compostela.

† DR. GEORGES LE GENTIL, Professor Jubilado de Língua e Literatura Portuguesa na Sorbona. †

DR. GERARDO NÚÑEZ, Vice-Director do Arquivo Histórico Nacional — Madrid.

DR. GUSTAVO CORDEIRO RAMOS, Presidente do Instituto para a Alta Cultura.

DR. JOÃO AMEAL, Escritor.

† DR. JOAQUIM COSTA †, Escritor.

DR. JOSÉ BRUNO CARREIRO, Escritor.

DR. JÚLIO DANTAS, Escritor, e Presidente ~~da Academia~~ da Academia das Ciências de Lisboa.

DR. L. CABRAL DE MONCADA, Prof. Catedrático da Universidade de Coimbra.

DR. LUÍS G. DE VALDEAVELLANO, Prof. Catedrático da Universidade de Barcelona.

DR. LUÍS VÁZQUEZ DE PARGA, do Conselho Superior de Investigações Científicas, Madrid.

† DR. MANUEL MONTEIRO, Arqueólogo, e Ex-Juiz do Tribunal Internacional do Egipto. †



DR. ALFREDO PIMENTA

3 Dez. 1882 ✠ 15 Out. 1950

## Considerações a ter em conta para a apreciação da obra do Escritor Alfredo Pimenta

**T**RAÇAR o perfil mental, em mero esboço que fosse, do extraordinário erudito que foi o Dr. Alfredo Pimenta — escritor invulgar em qualquer Literatura — mas de forma a deixar suficientemente delineada a sua personalidade, e a compreender-se, na integridade do seu conjunto, o pensamento supremo que terá animado a sua obra complexa de polígrafo, é presentemente, quando poucos meses apenas se dobram sobre a sua inesperada desapareição do tablado da Vida, empresa particularmente difícil a quem quer que para ela se sentisse atraído.

Reconhecendo-o de antemão, implicitamente se deve entender que não é propósito nosso lançar-nos no debate que tão delicado problema envolve, e, sem dúvida, virá a suscitar. Mas como o *caso literário* «Alfredo Pimenta» se reveste de indiscutível categoria para constituir tema especialmente titulado no plano específico da erudição nacional, afigurou-se-nos de interesse apresentar quanto antes à ponderação esclarecida dos seus futuros comentadores algumas considerações a ter em conta especial ao organizar o processo crítico de uma obra tão complexa e tão pessoal como é a sua.

Em poucas palavras se expõem.

À vastidão e profundidade da sua bibliografia, à inquietante diversidade de problemas cuja análise sucessivamente suscitou as invulgares possibilidades de *Pensador* e de *Escritor*

tor de *Alfredo Pimenta*, e que o seu comentador amanhã terá de apreciar, ao trabalho material de reunir cuidadosamente quanto deixou em publicações periódicas, nem sempre fáceis de conhecer, a tudo isso, que muito é, há que acrescentar — pois aí se virá a encontrar a explicação de grande parte das suas atitudes mentais, políticas e sociais, que não raro desconcertavam o público — a *sua principal correspondência particular*.

Além de quanto deixou impresso e que o esforço do bibliógrafo, à custa de maior ou menor diligência, consiga reunir, o crítico não pode dispensar-se de conhecer o *Escrítor* na intimidade epistolar com os raros espíritos que lhe mereceram aturado convívio escrito.

Essa correspondência constitui o melhor, mais instrutivo, e significativo complemento a quanto *Alfredo Pimenta* fez e escreveu; aí se desvenda a determinante, por vezes insuspeitada e dolorosa, profundamente humana, afinal, de muitos dos seus escritos, de muitas das opiniões que exteriorizava.

É importantíssima.

Ora a publicação dessas cartas (que devem ser numerosas), fixados que sejam, mesmo, os seus possuidores, não é aconselhável, na sua totalidade, para estas décadas mais próximas.

Estão vivas muitas das pessoas ligadas aos factos que aí se referem e, por vezes, se comentam. E a memória do *Escrítor* necessita de Paz e de compreensão, atitudes essas que só o Tempo, e a Distância, tornam possíveis e duradouras.

Com directo e pessoal conhecimento do problema escrevo estas palavras.

Largamente, durante mais de quinze anos, nos correspondemos, e passa de centena e meia de espécies esse núcleo epistolar; são de Junho e Julho de 1950, e têm particular interesse para a fixação da bibliografia do *Escrítor*, as suas últimas cartas; parece que algum secreto pressentimento do

próximo desenlace, que sobreveio tão inesperadamente, nos levou, a ambos, à troca de impressões sobre esse preciso aspecto da sua obra, fundamental sempre, para o julgamento da sua actividade de Intelectual e de Doutrinário.

Conheço, pois, por experiência directa, o que foi e o que vale a correspondência de *Alfredo Pimenta*. Pela que possuo, avalio bem o superior interesse que a reunião das suas cartas terá para o seu futuro biógrafo.

É absolutamente necessário proceder a essa colecção, pois se presentemente se deve considerar demasiado cedo para trazer a público as confidências do *Homem*, não esqueça o comentador que amanhã se ocupar do *Escrítor* que elas proporcionam o esclarecimento de muitos pontos de grande projecção quer na história da erudição nacional, quer no campo, muito mais vasto e significativo, do ideário político português.

Em atenção aos chamados respeitos humanos, a que, aliás, o *Escrítor* pouco sacrificava, deixemos todos nós a algidez do Tempo esfriar o fragor de muitas paixões que à volta de todo o portador de ideias se desencadeiam, e esperemos que o jogo de acções e reacções determinado pela inconfundível personalidade do *Pensador* se possa apresentar em público com a serenidade reclamada por toda a humana história.

A obra de *Alfredo Pimenta* alcançou o nível daquelas que só de raro em raro surgem na literatura de um povo; tem, além disso, personalidade; é, afinal, o retrato fiel do seu eminente autor, com os seus humanos defeitos e as suas extraordinárias qualidades.

Requer uma serenidade e uma isenção muito grandes para bem se apreciar, tanto por parte de quem a tão delicada tarefa venha a dedicar-se como por parte do próprio público; a um e a outro se exige, além de compreensão, serenidade.

Assim justifico eu, perante mim próprio, pelo menos, a conveniência de deixar passar algumas décadas antes de se

apresentarem conclusões que o futuro podia vir a mostrar terem sido prematuras.

Esse futuro é determinado, justamente, pela oportunidade de publicação da sua avultada e expressiva correspondência, que não pode ser esquecida no recenseamento dos elementos a ter em conta para a apreciação da obra, notabilíssima, de *Alfredo Pimenta*.

Já, certamente, me não será dado ver chegar tal oportunidade. O Tempo corre veloz, e os anos pesam implacavelmente.

Mas o meu contributo para esse magnífico epistolário, documentador, em elevado grau, de um Pensamento e de uma Vida profundamente humana, cá ficará, carinhosamente arquivado, esperando com serenidade a sua hora de bem servir a memória de um Grande.

Entretanto, que descanse em Paz, na grande Paz de Deus, a alma torturada e inquieta desse meu inolvidável Amigo, mestre de eruditos, e de estudiosos, que foi o Dr. *Alfredo Pimenta*.

Coimbra, Dezembro de 1950.

ROCHA MADAHIL.



PEDE-ME V. na sua carta, duas linhas sobre seu irmão e meu saudoso amigo, o Dr. Alfredo Pimenta.

Quem, como eu, teve a desventura de perder nele o seu melhor amigo, e tem sempre presente no espírito o largo e saudoso convívio que lhe foi dado apreciar, dia a dia, durante muitos anos, no gabinete que ambos partilhamos na Torre do Tombo; quem se lembra a cada momento dos primores do seu trato, dos rasgos da sua fulgurante inteligência, ou das manifestações da sua pasmosa erudição, e, acima de tudo, dos constantes desvelos da sua amizade; quem vive hoje sob o domínio de tão imperecíveis recordações, apenas pode dizer que, quanto mais o tempo passa, mais funda é a saudade.

Lisboa, 8 de Novembro de 1950.

A. BALTHASAR ALVES.



O Dr. Alfredo Pimenta, poeta de rara estesia; historiador sempre exigentemente documentado; extensa erudição; crítico de superior cultura e perspicácia; polemista desassombrado e destemido (embora, por vezes, desalinhado nos assomos da sua irascibilidade combativa); — será um dia justamente apreciado nos altos méritos da sua larga bibliografia, no vigor e brilho da sua prosa pronta, viva, na firmeza do seu carácter, na dignidade de titular homem de letras.

Foz do Douro. Novembro de 1950.

ANTERO DE FIGUEIREDO.



## Alfredo Pimenta como crítico

FALANDO da crítica literária em França no século XIX, escreveu Ch. Gidel na sua *Histoire de la Littérature Française*: — *Le plus varié, le plus instruit, le plus capable d'instruire les autres, ç'a été dans notre temps Sainte-Beuve.*»

Sainte-Beuve, como ele mesmo disse, começara pela *crítica polémica*; passara depois a uma «crítica mais neutra, mais imparcial, mas sobretudo mais analítica, literária, descritiva e curiosa, a qual, no entanto, tinha um defeito: não concluía». Por fim, entendeu ser chegado o tempo de ousar ir mais longe, sem desprezar as conveniências, «e dizer claramente o que me parecia a verdade a respeito das obras e dos autores».

É claro que esta espécie de crítica, em que domina «a expressão da franqueza» — afirmou Sainte-Beuve no *Averfissement* dos seus *Nouveaux Lundis* — «não se faz sem alguns gritos e alguma revolta da parte dos interessados; mas aquele público, que julga as coisas com equidade, agradece-vos e, se procedeis com honestidade e bem, a sua estima recompensa-vos».

É cedo, muito cedo ainda, para se pretender julgar Alfredo Pimenta, na sua faceta de crítico literário.

Não cremos, porém, estar muito longe da verdade pensando que dele se possa dizer, parafraseando, o que Ch. Gidel afirmou de Sainte-Beuve: — «Em Portugal, o mais variado, o mais instruído dos críticos, o mais capaz de instruir os outros, foi no nosso tempo Alfredo Pimenta».

E, por associação de ideias, neste momento nos ocorrem

estas palavras do mesmo Sainte-Beuve, quando — referindo-se a Luís Veillot, o feroso jornalista defensor do ultramontanismo, e reconhecendo-o, apesar da sua parcialidade e das suas injustiças, dotado de « muitas qualidades civis e sociais ». — escreveu: — « Terei eu necessidade, ao falar assim, de pedir autorização e licença a todos aqueles a quem ele feriu, e dos quais a maior parte são das minhas relações e meus amigos, dos quais até alguns estão muito próximo de mim? Não; é uma honra da civilização tão mal tratada por Veillot e da tolerância que entrou nos nossos costumes, o facto de ninguém mais lhe querer mal desde o momento em que ele se encontrou reduzido, ou quase, ao silêncio; esqueceu-se a injúria para não pensar senão no talento, para se lamentar mesmo que já não deparemos com esse talento todas as manhãs, sob a condição, se fosse possível, de que o mesmo não tivesse uma aplicação tão violenta. »

Fomos distinguido particular e publicamente com provas de consideração intelectual da parte de Alfredo Pimenta, mas não passamos imune aos seus remosques em assuntos literários — de certo, dos mais benévolos do fértil arsenal do rijo polemista. Foi mesmo por este último processo que há perto de trinta anos se iniciaram as nossas intermitentes e distantes relações.

Quando, após essa leve escaramuça jornalística, lhe falamos pela primeira vez, sem prévia apresentação, à porta da Livraria Tavares Martins, no Porto, pedimos-lhe licença, a certa altura da amena conversa, para lhe observar (dizendo-lhe, sem o saber, quase o mesmo que um confessor disse ao já citado Luís Veillot): — « É uma pena que o Sr. Dr. Alfredo Pimenta seja tão vivo e tão demasiadamente irritável! » Ele respondeu-nos: — « Que quer?! . . . É o resultado da minha dura experiência com o mundo. Agora, quando alguém se aproxima de mim, ou eu me aproximo de alguém, faço como o ouriço: ponho-me logo em guarda! »

Sangram ainda muitas das feridas que a sua pena cáustica abriu, tantas vezes com lamentável excesso de azedume e violência. No entanto, mesmo aqueles a quem ele não tratou bem, ou que foram seus adversários, por não comungarem nas doutrinas literárias, filosóficas ou políticas por que Alfredo Pimenta vigorosa e corajosamente pelejou, prestam homenagem à sua inteligência, à sua cultura, à sua desassombrada combatividade.

Se as suas opiniões políticas, ou filosóficas, ou históricas não foram nem são aceites por todos, eram geralmente lidas com indiscutível interesse, pela vivacidade, pela coragem, pelo tom independente e pessoal, pela limpidez com que eram expostas. E se, como crítico, as suas apreciações nem sempre tiveram a objectividade que seria para desejar, e se tomaram por vezes feição personalista e apaixonada, além de cruel, excessiva e injusta agressividade — Alfredo Pimenta não deixou de se afirmar, no campo intelectual, um dos mais altos valores da moderna sociedade portuguesa, um talento brilhante, uma inteligência lucidíssima, uma cultura vasta, um ânimo forte e de hombridade a toda a prova, um escritor de raça.

Alfredo Pimenta foi, porém, sobretudo um lutador: — «A minha vida — afirmou-o ele em 1949 — tenho-a passado nas trincheiras do combate, onde a deslealdade, a antipatia e a má-fé são o pão de cada dia.»

No calor da refrega, manejando todas as armas de que dispunha, despedindo sangrentos golpes para a direita e para a esquerda, muitas vezes foi injusto e se excedeu.

Agora, porém, que o *combate terminou*, não tardará que as injúrias sejam esquecidas, e estamos certos (como dizia Sainte-Beuve falando de Veuillot) que até os próprios adversários do grande lutador terão pena de não voltarem a encontrar o seu talento, «sob a condição, se fosse possível, de que esse talento não tivesse uma aplicação tão violenta» — sempre que a violência fosse dispensável.

Especialmente no campo da crítica histórica e filosófica, e dos estudos dessas especialidades, a falta de Alfredo Pimenta há-de ser longamente sensível — e deve, por isso, ser lamentada por todos quantos queiram ou possam ser imparciais e justos, e tenham no devido apreço o património cultural da nação, que Alfredo Pimenta, com a sua vasta, profunda e erudita obra literária — no que ela possui de sólido e positivo — sem dúvida enriqueceu de modo notável.

Porto

15-XII-1950.

A. DE MAGALHÃES BASTO.



## Uma grande figura do Pensamento Português

É ainda sob a comoção causada pelo desaparecimento do grande amigo de tantos anos, do camarada incomparável de ideias e de luta, do mestre de talento fulgurante e de saber profundo, que me encontro a tracejar estas linhas a fim de corresponder ao convite do organizador da presente homenagem.

É cedo para se falar de Alfredo Pimenta. É cedo para se avaliar a falta que fica em aberto nos múltiplos campos que o seu espírito cultivava, e a projecção que tanto a sua personalidade como a sua obra terão na mentalidade portuguesa. É cedo até para se analisar o enorme monumento constituído pela sua produção literária, pelos seus estudos históricos e filosóficos, pela sua doutrinação política.

Mas a uma conclusão pode chegar já, sem dificuldade, todo aquele que conheça a actividade incansável que ele despendeu em público, desde os bancos da escola até o momento de cair vencido, de pena na mão, a cumprir ainda a sua alta missão de doutrinador e de insigne homem de letras: — é reconhecer a lógica, direi até, a unidade do Pensamento de Alfredo Pimenta.

Ao noticiar-se a sua morte, tocou-se de mais a tecla do escritor que mudou de ideias, que transitou de um campo para outro, que regressou (darei antes, progrediu) até às verdades tradicionais.

Alfredo Pimenta não foi só sempre, acima de tudo, Alfredo Pimenta — o que já seria uma afirmação de coerência — mas foi sempre o homem superior que não transigiu com o mal do seu tempo, com a decadência da sua época, e que reagiu

violentamente, brilhantemente, contra a mentira do *estúpido* século XIX, à procura da luz verdadeira que os mitos fascinantes da sua mocidade persistiam em ocultar. Alfredo Pimenta foi sempre um *reaccionário*. Nunca se acomodou ao conselheirismo da Carta, ao parlamentarismo desmoralizante, à ficção torpe da Democracia. Alfredo Pimenta nunca foi democrata. Nem a sua conformação, a sua cultura e a sua maneira lhe permitiriam ser democrata! Ora, isto revela uma grande coerência, verdadeira unidade do seu pensamento.

Reagiu contra as ideias de 89 e contra a trágica balbúrdia da pseudo-monarquia constitucional, cultivando aristocráticamente a flor do Anarquismo. Mas quem, senhores, naqueles tristes tempos, naquela *doçura de viver* — doirada por fora, podre por dentro — tendo um espírito desinteressado e uma inteligência combativa, quem não foi anarquista intelectual, como única maneira visível e elegante de ser anti-democrata?

Proclamada a República, esperou que o novo regime fosse uma reacção contra os desmandos e a cobardia do último período do regime anterior. Mas esperou confiado em que poderia contribuir para a consolidação de uma República anti-liberal, uma República autoritária, como os escritos dessa fase da sua vida claramente testemunham. E esperou muito pouco.

O espírito de Alfredo Pimenta, ansioso de saber, ia ampliando os seus conhecimentos filosóficos, teológicos, e histórico-sociais. Lembremo-nos de que era discípulo de Comte, do que toda a vida se orgulhou; lembremo-nos de que fora educado na fé da Igreja Católica, e de que portanto no fundo do seu sub-consciente permaneciam os piedosos ensinamentos da infância; lembremo-nos ainda da sua simpatia, da sua admiração pela Alemanha, à qual se conservou sempre fiel, apesar das duas derrotas, não tanto pela Alemanha em si mas pelo que ela valia e pelo que ela representava como factor político de combate à petulância democrática e comunista.

A inteligência de Alfredo Pimenta consolidou-se pois em volta da Verdade católica e da verdade monárquica, como polos para os quais tendia inflexivelmente o seu espírito. Evolucionou, concretizou-se, mas não mudou: concluiu logicamente. Há tantos e tão altos exemplos semelhantes, nossos e alheios, na história do Pensamento contemporâneo! Pode-se dizer que encontrou finalmente — e felizmente! — aquilo que toda a vida buscara.

Aos trinta e dois anos, fazia pública profissão de fé católica e monárquica, e desde então até a hora da morte foi sempre à luz dessas duas verdades eternas que conduziu toda a sua vida de pensador, de apóstolo e de homem de acção.

É possível que a revolução de 14 de Maio, o retorno da Demagogia, e a comédia da União Sagrada tenham sido as causas próximas daquela profissão. Mas Alfredo Pimenta não era pessoa que se conduzisse por motivos tão superficiais. A sua conclusão tem raízes mais sérias e mais fundas. Faltava só provocá-la e declará-la. Aqueles sucessos foram apenas o pretexto para revelar a sua nobre isenção.

Nem inconformista se pode dizer que fosse. Só era inconformista perante o erro, perante a inépcia, e perante a má-fé.

A Causa de Deus, da Pátria, e do Rei serviu-a sempre intransigentemente, com um ardor que as contrariedades, os sacrifícios, as decepções, não conseguiam esmorecer.

Além da lição do seu saber, ficará para as novas gerações a lição de um carácter que nenhum interesse pôde vergar. Oxalá que elas frutifiquem e que a projecção da obra e da personalidade de Alfredo Pimenta seja ainda maior na morte que na vida.

Lisboa, Novembro de 1950.

CAETANO BEIRÃO.

## Alfredo Pimenta e os Estudos Históricos

A cultura nacional, com a morte de Alfredo Pimenta, sofreu um rude golpe. Desde os *Elementos de História de Portugal* à edição do *Fuero Real de Afonso X, o Sábio*, afirmou-se um dos nossos investigadores contemporâneos de mais exigente espírito crítico. A sua obra de rectificação foi verdadeiramente insigne. Num tempo, em que as ideias feitas e a transigência com preconceitos inveterados eram quase gerais; em que o culto da autoridade, apesar de todas as afirmações liberais e livre-pensadoras, continuava a pesar, com estigmas bolorentos, não só sobre a opinião pública, mas sobre os privilegiados e responsáveis da cultura, ele ergueu-se, destemidamente, a pugnar pelos direitos da verdade histórica e pela dignidade do espírito humano, a quem ela é devida. A sua linguagem contundente era, por vezes, excessiva; nunca, todavia, desamparada dos elementos objectivantes que Alfredo Pimenta tinha ao seu dispor. Podia enganar-se na interpretação; a sua sinceridade, no ajuizar dos indivíduos e no apuro dos factos, não podia ser posta em causa.

Homem da pena, para ela e por ela viveu, apaixonadamente. As contingências ambientais fizeram-no, alguma vez, ressentir-se disso. Se mais cedo tivesse podido confinar-se à sua biblioteca histórica e à Torre do Tombo, rodeando-se de um grupo de colaboradores de boa vontade, apostados a renovar, não apenas em pormenor, porém em conjunto, a historiografia nacional, acaso houvesse criado uma escola de historiadores com continuidade sistemática e em moldes verdadeiramente modernos.

Fica-nos, ao menos, o exemplo de uma produção fecunda, embora dispersa ou fragmentária, que estimula a nossa actividade científica, a bem da reconstituição fiel e da interpretação genuína de antanho, como raio de luz a orientar a criação de um Portugal cada vez maior. Os povos, que não estimam o seu passado, são os que encalham e naufragam, ao rumar para o futuro.

Lisboa, Dezembro de 1950.

DOMINGOS MAURÍCIO GOMES DOS SANTOS, S. J.



AUNQUE no tenía el honor de conocerle personalmente el Dr. Alfredo Pimenta, siempre me llamó la atención su carácter independiente revelado en sus escritos y en sus conferencias, como la pronunciada el presente año en homenaje a Guerra Junqueiro, al par que su elevación mental en múltiples materias, desde sus investigaciones medievales hasta las tareas puramente imaginativas, que le han colocado en destacado lugar entre los escritores contemporáneos de ese bello y querido Portugal. No desconozco cuantas vicisitudes ha atravesado y cuantas luchas ha sostenido por mantener enhiesta una bandera que creía legítima y un criterio que creía justo. Está todo demasiado próximo para ser juzgado. Lo que ahora podemos decir los que hemos contemplado su desvelo cultural desde fuera de los linderos donde desarrolló sus actividades, es que el Dr. Alfredo Pimenta se aparece a nuestros ojos como un batallador infatigable en pro de la Ciencia histórica de la que fué notable cultor e investigador esclarecido.

Descanse en paz el ilustre escritor del que guardo como oro en paño algunos estudios!

Santiago de Compostela

23-XI-950

FERMÍN BOUZA-BREY.



C'EST avec une impression douloureuse que nous apprenons la perte irréparable que les lettres portugaises viennent d'éprouver en la personne du docteur Alfredo Pimenta. Ceux qui n'ont pas eu la chance de vivre dans son intimité intellectuelle ont du moins apprécié la haute valeur d'une œuvre qui se distingue à la fois par la variété de ses aspects multiples et par sa profondeur. Des qualités qui chez d'autres sembleraient incompatibles ou contradictoires ont coexisté dans son esprit supérieurement organisé, largement compréhensif. Archiviste de vocation, il avait tous les scrupules de l'érudit, toute l'attention minutieuse concentrée sur le détail, avec le don plus rare de l'intuition qui découvre, d'instinct, le document révélateur. Il nous a laissé le modèle de ces démonstrations irréfutables par lesquelles on fixe une date, on corrige une erreur longtemps accréditée. Mais, quand il avait consolidé les fondations, il savait construire. On lui doit, dans un manuel qui fut autorité, une vue d'ensemble de l'histoire qui contraste avec le pessimisme ou la conception unilatérale de certains de ses devanciers. Il s'affirmait patriote sans jamais cesser d'être objectif. C'est qu'à la compétence du spécialiste s'alliait chez lui une vaste culture. Comme critique, il avait lu tous les textes, comme philosophe, il s'était assimilé tous les systèmes. Nous étions frappés, au point de vue français, de la sûreté, de l'originalité de son information qui, dépassant les ouvrages de seconde main, remontait jusqu'aux sources. Loin d'être accablé par l'étendue de ses connaissances, il avait conservé intacte une fière indépendance et ne craignait pas de heurter l'opinion, d'opposer courageusement le paradoxe à la routine et au préjugé. Ignorant les compromissions, il avait renoncé à ces ménagements hypocrites par lesquels on atténue un blâme. Les éloges qu'il décernait entraînaient l'adhésion parce qu'il les motivait. Nul ne pouvait mieux opérer le triage nécessaire dans

une production confuse où il importait de séparer l'essentiel de l'accessoire, le nouveau du convenu. Sa tolérance, d'ailleurs, n'allait pas jusqu'à l'éclectisme, car il osait prendre position, hardiment, sur tous les problèmes.

On a pu, à certaines heures, hésiter à le suivre, engager avec lui une discussion courtoise, parce qu'il savait tout comprendre. Mais il restera pour la postérité, l'exemple de ces nobles intelligences ouvertes à tous les souffles, en perpétuel devenir d'enrichissement, et il s'imposera, comme écrivain, au respect de la génération montante par l'intégrité, par l'austérité d'une pensée où l'on reconnaît la pure tradition des grands ancêtres, d'un Herculano ou d'un Antero.

Paris, le 21 décembre 1950.

GEORGES LE GENTIL.



EL fallecimiento del Dr. Alfredo Pimenta, ocurrido cuando todavía podían esperarse jugosos y sazonados frutos de su laboriosidad incansable, ha causado al divulgarse, dolorosa impresion en los círculos culturales españoles.

La producción literaria, extensa y variadísima, que deja tras sí el malogrado historiador, fue en general bien acogida en España, donde se le consideraba figura prestigiosa de las letras lusitanas.

De las muchas obras, del fenecido polígrafo, fueron las de carácter histórico y filosófico, a mi parecer, las que lograron mayor difusión en mi país. *Estudos filosóficos e críticos*, llamados «nuevo Teatro Crítico» por Cossio, merecieron el sincero elogio del ilustre académico de la Real Academia Española de la Lengua. *Elementos de História de Portugal*, *Subsídios para a História de Portugal*, *Estudos Históricos*, *Guimarães*, *A Fundação e a Restauração de Portugal*, *Os Forais medievais vimeirense*, *Idade Média*, *Fontes medievais da História de Portugal*, etc., son libros consultados con frecuencia en las Bibliotecas Públicas, y en los seminarios de las Facultades de Letras se hallan al alcance de la mano de alumnos y profesores, que les conceden la debida estimación.

Pertrechado de tal bagaje científico, es explicable que el Dr. Pimenta fuera elegido Director del famoso Arquivo da Torre do Tombo, que algunos consideran «o mais antigo da Europa», y que, con tal motivo, otro erudito académico español le rendiese homenaje de afecto y simpatía en nombre propio y de los conservadores de los Archivos españoles.

A falta del aludido academico, Dr. Gonzalez Palencia, que prematura y tragicamente nos fue arrebatado por la muerte, es mi humilde persona la encargada de tributar ahora el homenaje postuma que merece, al delicado poeta, agudo crítico y polemista, historiador y filosofo, leal y valiente mantenedor de sus ideales religiosos y monarquicos, trabajador incansable que todo eso fue el Dr. Pimenta, segun sus trabajos le acreditan.

Madrid, Diciembre de 1950.

GERARDO NÚÑEZ.



A apreciação de figuras da estatura mental de Alfredo Pimenta não poderá nunca ser feita em limitado número de linhas.

Por isso hesitei em redigir estas breves considerações, receoso de que não estejam à altura do malogrado escritor, cuja obra, para ser devidamente julgada, exige pela sua vastidão e profundidade, demorado e cuidado estudo, tantos são os aspectos que ela reveste.

Poeta, ensaista, jornalista, historiôgrafo, em todos os domínios em que exerceu infatigável labor, deixou marcado o selo de indiscutível superioridade, podendo afoitamente dizer-se: a cultura portuguesa perdeu com o passamento do Dr. Pimenta um autêntico valor, dos maiores de que se poderia orgulhar, e que, estou certo, se há-de contar sempre entre os mais reputados nomes da erudição contemporânea.

O seu saber abrange âmbito enorme, incomensurável mesmo; nem por comportar tal largueza é superficial; pelo contrário, denuncia avultada soma de conhecimentos, dos mais variados e complexos.

Com igual competência e argúcia abordava um problema de natureza teológica, filosófica, política e social, se embrenhava em intrincadas questões filológicas; com o mesmo à-vontade se movia na interpretação de textos obscuros e revelava documentos sepultados no pó dos arquivos, examinados com penetração e probidade exemplares.

Minucioso na análise dos factos, se não desdenha de elaborar largas construções teóricas, — lembremos que em Alfredo Pimenta encontrou o princípio monárquico o seu mais abali-

zando doutrinador — evita, porém, sempre as precipitadas generalizações que não pudesse fundamentar devidamente.

Em todos os escritos, à clareza do pensamento, ao rigor do método, à lógica inquebrantável dos argumentos, alia-se a beleza da forma, o vigor da linguagem, sempre tersa e castiça, o que lhe assegura lugar de relevo entre os homens de letras da época presente.

Conheci pessoalmente Alfredo Pimenta, quando me veio agradecer a nomeação de Conservador da Torre do Tombo. Nem directa ou indirectamente me solicitara tal situação. A iniciativa foi exclusivamente minha e confesso que a princípio temi que não aceitasse o lugar, muito abaixo dos seus méritos. O posto que por inúmeros títulos lhe competia seria uma Cátedra universitária, assim lho disse então, e agora repito. Se houvesse ocupado por mais tempo as cadeiras do poder, não me repugnaria envidar esforços nesse sentido.

O sentimento de gratidão que a tal propósito me testemunhou, comprovam os primores de uma alma bem formada. Não perdia o ensejo de publicamente, mais de uma vez, mostrar o seu reconhecimento e assim me dedicou versos e trabalhos seus.

Não nego que o seu temperamento fosse impetuoso e até no ardor das pugnas com aparências de agressividade, mas essa modalidade da sua maneira de ser, meramente accidental, explica-se muito bem pelas injustiças de que foi vítima, perseguições de toda a ordem, vindas de invejosos, que não podiam tolerar o desassombro das atitudes, a coragem com que impiedosamente castigava a ignorância petulante, a covardia acomodaticia. No trato íntimo era, porém, de uma simplicidade tocante, quase ingénua; e se os inimigos tinham a defrontar-se

com um adversário fêvel, com quem seria arriscado terçar armas, os amigos podiam contar com a sua dedicação e lealdade ilimitadas.

Os defeitos que por ventura fivesse, inerentes ao vil barro humano, nem ao de leve poderiam macular as resplendentes qualidades que lhe exornavam o nobre espírito.

A herança que legou aos vindouros, é mais que suficiente para lhe imortalizar a memória.

Extremoz. Quinta de S. Miguel.

6-XI-50.

GUSTAVO CORDEIRO RAMOS.



## Alfredo Pimenta

CONVIDADO a escrever algumas palavras para este *Boletim* sobre Alfredo Pimenta, a propósito da sua morte recente — não posso deixar de confessar-me embaraçado e perplexo.

Apenas por isto: é que suponho ser ainda cedo para dizer o que deve ser dito acerca de uma das mais altas figuras da inteligência portuguesa do meu tempo. Quem o conheceu de perto e se contou, como eu, no limitado número dos seus amigos mais íntimos, daqueles que tantas vezes travaram a seu lado as mesmas campanhas ao serviço da trilogia fundamental — Deus, Pátria e Rei; quem teve, por isso, frequentes ensejos de apreciar e admirar o seu espírito sequioso de saber, escrupulosíssimo na busca e utilização das fontes, desassombrado e incisivo na clara definição de um pensamento sem vacilações e sem transigências; quem, além disto, conhece página a página a sua obra tão notável de investigador, de doutrinador político, de poeta singular, de polemista viril e intrépido — pode, ao menos, avaliar a extrema riqueza da personalidade de Alfredo Pimenta e o dever de estudá-la e compreendê-la com o cuidado, o escrúpulo, o respeito que ele próprio nunca se esquecia de pôr nos trabalhos de análise e de crítica.

Várias vezes insisti na dívida que todos temos para com este grande vulto nacional da nossa História Literária que se ergueu à altura dos maiores expoentes da Cultura Portuguesa de qualquer época — e a par deles ficará, quando tantos dos seus contemporâneos se apaguem no esquecimento que merecem.

A hora da justiça não vai tardar para Alfredo Pimenta. Sente-se mesmo que já se pôs a caminho.

Por agora, todavia, ainda é cedo. Mal começamos a refazer-nos do golpe inesperado da sua morte brusca. Mas podemos sondar as largas perspectivas que a sua evocação desdobra na nossa memória...

A única certeza nítida é que o seu desaparecimento abre, na vida mental e política do País, um vazio que ninguém ocupará. Todos sentimos, desde já, como Alfredo Pimenta é, e continuará a ser — *insubstituível*.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1950.

JOÃO AMEAL.



## Um grande intelectual

A morte de Alfredo Pimenta, que foi meu companheiro na Universidade de Coimbra, produziu em mim, a mais extraordinária emoção.

Era bem uma parcela de mim mesmo que morria também.

Vivíamos talvez um pouco afastados. Raras vezes nos víamos. Escrevia-lhe frequentemente. E isto bastava para que as nossas emoções se renovassem. Em Coimbra, parecia-me um hesitante. Mas não o era. O estudo disciplinou-o. Para os que o não conhecessem era um temperamento aparentemente contraditório. Sensual e artista, era reflectido e crítico. O poeta disciplinava o intelectual. As emoções acamaradavam com as ideias.

Este homem vivia em contradição permanente consigo próprio. Dominava os assuntos, que absolutamente esgotava. Por isso, era uma força intelectual. Possuía uma disciplina invulgar, que talvez outros não conseguissem ter. Os documentos da Idade Média não tinham segredos para ele. Era talvez o maior medievalista que possuíamos.

Sendo um afectivo, na polémica era verdadeiramente um violento. Não sei porquê, sempre vi nele um homem *sem domínio*. Escrevia primorosamente; e, sendo um autoritário, as suas opiniões eram, quase sempre, extremas. E criou inimigos numerosos, porque tinha realmente valor. Não era fácil produzi-lo igual, porque a sua cultura só à força de estudo se poderia obter.

Bondoso, creio que o era, e, mesmo nas divergências lho pressentia.

Se com alguém conseguiu ombrear, na interpretação de

documentos antigos, temos de procurar em João Pedro Ribeiro a personalidade que melhor se lhe assemelhava. Muitas vezes o corrigiu, emendando os seus defeitos de interpretação.

Se fossem contemporâneos, seriam duas actividades intellectuais que se completavam. O seu volume sobre a *Idade Média* sempre me pareceu definitivo. Tem saber e lucidez.

Como historiador, era dos maiores, se é que não era exclusivo.

A sua qualidade de poeta, que era singular, completava na escrita a emoção que o humanizava.

Só podem compreendê-lo no sentido humano, os que reconheceram, nas suas lutas interiores, o homem raro que sempre procurou elevar-se acima de si mesmo.

Dizem-me que lhe faltava um esteio moral. À força de pretender ser perfeito, exigia também nos outros perfeição extrema. E foi esse o seu erro.

Porto. Outubro de 1950.

JOAQUIM COSTA.



## UMA CARTA

Meu prezado amigo:

Recebo o seu convite para colaborar na homenagem que o *Boletim de Trabalhos Históricos* vai prestar à memória de seu Irmão, numa ocasião em que o estado da minha saúde me não consente corresponder à honra com que me distingue.

Não sei dizer-lhe como me seria grato encher algumas páginas com os testemunhos da minha admiração pelo escritor e pela sua obra, pelo velho Amigo que sempre lembrarei com viva saudade.

Tudo me falta para falar do escritor Alfredo Pimenta como exigem o valor e a extensão da sua obra, a sua vastíssima cultura, tudo o que fica a documentar o seu espírito de poeta, historiador, ensaísta, crítico, polemista. Vivendo nos Açores, nem sempre pude acompanhar a sua vida, o seu intenso labor intelectual, as suas lutas, atacando e defendendo-se; mas penso que tudo marcou sempre uma das personalidades mais fortes da sua geração, impondo-se como tal a todas as correntes ideológicas, numa obra em que não só há muito que admirar, mas também muito que aprender.

Recordando agora as nossas relações, não são para o público palavras em que falasse do meu affecto pelo velho Amigo — Amigo de meio século, desde os tempos de Coimbra, companheiros de casa na *república* de Celas, onde ele compôs os seus primeiros versos, e depois, por esses anos fora, prodigalizando-me tantas provas de apreço e estima, que nunca esquecerá o meu coração agradecido.

Por isso, meu caro Amigo, sem a possibilidade de um

esforço com que procurasse suprir o que me falta para alguma coisa escrever sobre um homem da categoria de seu Irmão, com estas palavras apenas pretendo dizer-lhe que na mais viva solidariedade acompanho todas as homenagens que vão ser prestadas à sua memória por homens com autoridade para erguê-lo e colocá-lo no alto lugar que lhe pertence entre os que mais têm honrado a Cultura portuguesa.

Que a certeza desta solidariedade possa fazê-lo perdoar-me a falta da colaboração que me pediu.

Ponta Delgada. Janeiro. 4 — 1951.

JOSÉ-BRUNO CARREIRO.



**A**LFREDO PIMENTA deixou uma obra notável, quer como historiador, quer como poeta. Como historiador, soube compreender o passado. Como poeta teve, por vezes, a visão profética do futuro. Só o presente lhe não foi propício,— porque, nem ele entendeu o seu tempo, nem o seu tempo o entendeu a ele. O fumo das discórdias ateadas à sua volta — discórdias literárias e políticas — ainda não permite que os contemporâneos distingam e avaliem bem a medida da sua estatura e o valor da sua obra. Mas o dia da justiça há-de chegar. O fumo passa — e o escritor fica.

Lisboa, Novembro de 1950.

JULIO DANTAS.



OS homens de uma certa craveira intelectual não podem facilmente ser julgados com rigorosa justiça logo após a sua morte. Todo o juízo a seu respeito, mormente se à sua volta se desencadearam paixões, carece de perspectiva: uma perspectiva que só o tempo pode dar. Nisso vai já, se não o seu elogio, pelo menos o reconhecimento de uma sua superior qualidade: o fugirem à vulgaridade.

Suponho passar-se isto com Alfredo Pimenta, um dos homens na sua actividade literária e política mais discutidos, admirados e execrados, nos últimos quarenta anos em Portugal.

Dada a enorme multiplicidade dos campos em que essa actividade se exerceu, desde a poesia, através da crítica literária, da conferência e do jornalismo, até à erudição historiográfica, à crítica filosófica e ao doutrinário político, não tenho eu, evidentemente, qualidade para, desconhecendo o valor da sentença que acima exprimo, emitir aqui uma opinião responsável sobre todos os aspectos dessa mesma actividade e tentar forçar o juízo da história. Certamente, perante uma tão rica e multiforme personalidade, como a de um *Profeu* da inteligência, o nosso juízo terá, por força, de ser muito desigual, e o da história também.

Mas o que pode ser dito desde já, em homenagem à memória de Alfredo Pimenta, é que ele reflectiu, num eminente grau e numa superior forma de autenticidade da sua existência, embora por vezes de um modo desconcertante e incompreensível aos olhos dos espíritos vulgares, toda a gama de contradições e paradoxos, de anseios ideais, de lutas e ilusões, de imprecações e de esperanças, que constituiu o *clima* espiritual da sua época e da sua geração. Foi um produto desse *clima* e dessa *situação histórica* na transição angustiosa do século XIX para o século XX. E deu-se com este homem talvez

um facto curioso que explicará a incompreensão de muitos. É que no meio da grande transformação de mentalidade, trazida pelas três últimas décadas da primeira metade deste século, Pimenta, sem porventura dar por isso, conservou-se sempre, porém, na estrutura da personalidade, em grande parte, um filho do século anterior. Serviu, por assim dizer, os novos ideais e conteúdos de crença que trouxeram as revisões do século XX, com a mesma alma ardente e apaixonada que nele depositara o irreverente século XIX. Acompanhou o novo século das grandes conversões com a forma e as atitudes dos grandes impenitentes. Há nele como que muito da alma de dois séculos.

E há ainda um outro facto ou traço na sua personalidade, em grande parte derivado do que acabo de dizer, a respeito do qual, sem prejuízo de quaisquer legítimas reservas sobre a obra, pode também desde já recair um juízo definitivo. Este refere-se exclusivamente ao homem. É um tal traço, marcando nele o mais elevado timbre de significação moral que pode haver para um intelectual, é e será sempre para ele o mais honroso de todos, perante o qual todos os seus inimigos terão de baixar bandeiras: — a perfeita sinceridade, e sinceridade indomável, das suas convicções; o desinteresse das suas conversões políticas e religiosas; a rudez de muitos dos seus nobres inconformismos.

Alfredo Pimenta foi neste aspecto um espírito modelar, honra de uma geração e de uma época. Os seus erros, e injustiças, a impulsividade muitas vezes infantil do seu temperamento e da sua vaidade de intelectual, apagam-se perante a grandeza do desassombro do seu carácter.

Numa época como aquela em que vivemos, tão forte e desgraçadamente caracterizada pelo predomínio das *massas*, inclusive, ai de nós!, nos domínios do espírito e da inteligência, em que a covardia, o conformismo e o pensar só pela cabeça dos outros se converteram no jeito da grande maioria dos

nossos intelectuais em todos os campos, homens como Alfredo Pimenta farão sempre grande falta.

Não serão jamais os seus erros, irreverências ou diabruras que hão-de pesar mais na balança para os fazer condenar sem remissão perante a história; será antes a bela e aristocrática flor de lis da sua independência de espírito de lutadores de ideias, sem vil interesse, que mais pesará, sem dúvida, para aí os fazer absolver e glorificar.

É nestes termos, por isso, que eu presto e sempre prestarei à memória de Alfredo Pimenta o preito da minha mais sincera e consciente homenagem.

Coimbra, Outubro de 1950.

L. CABRAL DE MONCADA.



NO he conocido a Alfredo Pimenta sino a través de su valiosa obra de investigación histórica y de las cordiales cartas que, con mucha frecuencia, me escribía. Durante los últimos años, en efecto, mantuve con él una abundante correspondencia epistolar que me proporcionó la ocasión de conocer, no sólo al historiador, a quién ya conocía por sus libros y opúsculos, sino al hombre: al hombre apasionado por la Historia, siempre alerta a los nuevos resultados de la investigación, preguntando constantemente por la marcha de los trabajos históricos en España, lleno de preocupación por el logro de la verdad fundamentada en la más exigente crítica de las fuentes. Pimenta se manifestaba en sus cartas con tanta sinceridad, con tan simpática confianza, con tan agudo juicio en la apreciación de obras y problemas, que, gracias a ellas, me parece ahora haberle conocido personalmente y siento su pérdida, no sólo como la de un historiador de gran valía, sino también como la de un amigo que se ha ido para siempre y del que ya no recibiré nunca más aquellas cartas escritas con aquella su letra difícil, nerviosa, palpitante de sugerencias y de vida.

Por eso, Alfredo Pimenta, gran historiador, literato y filósofo de ese Portugal que desde muy joven aprendí a amar y a conocer en su literatura y en su historia, era también para mí, sin haberle visto nunca, como un amigo ausente que departía conmigo en sus cartas, que me demostraba un constante y afectuoso interés por mis trabajos y cuya simpatía hacia mí le llevó generosamente a dedicarme uno de sus estudios. La obra histórica de Alfredo Pimenta, original y extensa, otros sabrán juzgarla y destacar su valor mejor que yo. Por mi parte creo, desde luego, que quedará como un modelo de exigencia crítica, de curiosidad abierta a los aspectos más varios de la investigación, de solidez en los fundamentos documentales de

sus estudios, de probidad científica, de entusiasmo ilimitado por el saber. La numerosa serie de sus «Estudios Históricos», sus ediciones críticas del «Cartulario del monasterio de Crasto» y de la versión portuguesa del «Fuero Real» de Alfonso el Sabio, los valiosos trabajos que componen su libro «Idade-Media (Problemas & Soluçoens), etc., son obras que honran la memoria de Alfredo Pimenta y de la ciencia histórica portuguesa.

Barcelona, Noviembre de 1950.

LUÍS G. DE VALDEAVELLANO  
Catedrático de la Universidad de Barcelona.



AUNQUE no conocía personalmente el Dr. Alfredo Pimenta, he tenido repetidas ocasiones de expresar públicamente desde las páginas de la revista *Hispania* el juicio imparcial que me merecían algunas de sus obras. Por otra parte tengo para con él un motivo particular de agradecimiento por los benévolos juicios que se encuentran en trabajos suyos de algunos de los míos.

Creo que el Dr. Alfredo Pimenta merece de todos los que nos dedicamos a la investigación histórica el respeto y admiración que corresponde a un hombre que buscó la verdad y que nunca intentó deformarla con fines bajos. Creo que éste es el mayor elogio que puede tributarse a un historiador.

Madrid, 23 Noviembre, 1950.

LUIS VÁZQUEZ DE PARGA.



**A**LFREDO PIMENTA foi uma vigorosa intelectualidade que se manifestou, nos domínios do pensamento, pelos mais flagrantes contrastes.

Tendo-se revelado uma fina sensibilidade poética, ele foi ao mesmo tempo um rude e ácido polemista.

Abordando problemas filosóficos em ensaios onde mostrou os elevados vãos de abstracção do seu espírito, simultaneamente, ele foi um profundo erudito que nos deixou estudos luminosos sobre a nossa história medieval.

Destas facetas essenciais do seu talento magnífico supor-se esta última a que há-de impor o seu nome à justa admiração da posteridade, como já o impôs à dos seus contemporâneos.

Braga. Outubro. 1950.

MANUEL MONTEIRO.



SE me coube acidentalmente, no cumprimento dos serviços na direcção da Sociedade Martins Sarmiento, há certos anos, — o ensejo de pugnar e insistir pela criação do Arquivo Municipal de Guimarães, a sua magnífica efectividade, tão prestigiosamente alcançada, essa deve-se inteiramente a Alfredo Pimenta, com a eficiente e devotada cooperação de seu irmão Rodrigo. Do que foi esse incansável e produtivo labor dá prova formal o *Índice geral* dos volumes I a X do *Boletim de Trabalhos Históricos*, tão carinhosa como bem competentemente organizado e o ano findo publicado pelo Rodrigo Pimenta. Sinto do meu dever consigná-lo aqui, nesta hora dolorosa do pensamento nacional, cruelmente ferido e lesado pela morte do meu querido Alfredo, pois só esse trabalho, entre tantíssimos mais e de não menos vulto, bastaria a demonstrar a dívida enorme e inapagável contraída pela gratidão vimarãesense à sua memória eterna.

É ainda cedo, e não me deixa o coração esmagado, de conseguir a serenidade de ânimo para trazer a essa memória o depoimento de um companheiro íntimo dos anos da mocidade e que sempre, com a mesma amizade fraternal, o seguiu de perto até o derradeiro alento desse extraordinário Trabalhador Espiritual, de cujo cérebro, em faíscas de génio, brotaram as manifestações do Artista, de raro poder emotivo e verbal, as sentenças do Filósofo, doutrinador activo e profundamente culto — mestre de cultura —, e as ralasas investigações do Historiador. Meu querido, meu pobre, meu grande Alfredo!...

Janeiro de 1951.

EDUARDO D'ALMEIDA.